

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Campeões dos últimos

O Índice Sintético de Desenvolvimento Regional, que é publicado todos os anos pelo INE, veio alertar-nos, esta semana, que continuamos a ser os piores do país em matéria de coesão, que estamos na cauda quando se trata de competitividade e até pioramos na qualidade ambiental, quando já fomos os primeiros neste ranking.

É triste constatar estes indicadores entre as 25 regiões portuguesas, mas é a dura realidade, provando que a estratégia de desenvolvimento que temos vindo a implementar durante todos estes anos não tem sido a mais adequada.

Temos melhorado, é verdade, mas o problema é que as outras regiões melhoram mais do que nós e mais depressa do que nós.

Em matéria de coesão, nem se fala. Há muito que vimos alertando para o modelo anacrónico que os governantes têm defendido, acelerando investimentos estratégicos nas ilhas maiores - que são precisos -, mas esquecendo por completo as ilhas mais pequenas, aquelas que, ironicamente, classificaram como "ilhas de coesão"!

Há Centros de Saúde nas ilhas mais pequenas que estão degradados, com equipamentos velhos e sempre avariados, portos mal feitos e concebidos à medida da pressa eleitoral, pistas de aeroportos penalizadoras para o desenvolvimento de grupos de ilhas, toques de navios cargueiros tardios e regularidade deficiente, falta de muito investimento público e ausência de estímulos especiais para o privado criar empregos, muita burocracia e um rol de queixas que nunca mais acaba.

Com uma lista destas, como é que se fixam pessoas nestas ilhas?

Como é que se convence os jovens estudantes a regressarem às suas ilhas?

É preciso uma reflexão séria sobre o que andamos a fazer de mal feito e como se corrige tudo isso para devolver a confiança aos cidadãos, pelo menos os das próximas gerações.

A continuarmos neste ritmo, com as mesmas políticas e com as mesmas estratégias falhadas, o despovoamento será ainda mais acelerado e estaremos sempre nos indicadores como... os campeões dos últimos!

Morte exagerada...

A Intergraf, federação das associações da indústria gráfica, já tinha advertido no início deste ano que a atual crise do papel teria graves repercussões no fornecimento de produtos impressos para todos os mercados económicos, colocando a recuperação da indústria em perigo.

Tudo se veio a conjugar para uma tempestade perfeita: greves no sector do papel no norte da Europa, negócios de concentração de empresas do sector por parte de multinacionais com interesses apenas nos seus países, a pandemia, a guerra na Ucrânia, enfim, uma bola de neve que agora atinge, também, a nossa região e os jornais, como este, da Gráfica Açoriana.

Estamos otimistas, a julgar pelas previsões internacionais, de que é possível uma normalidade no sector num breve espaço de tempo, pelo que o "Diário dos Açores" está convencido que voltará a ser impresso em papel muito em breve. Até lá, continuamos com a distribuição do jornal em formato digital.

Agradecemos as inúmeras mensagens de encorajamento e a onda de solidariedade e compreensão dos nossos assinantes e leitores.

Como diria o célebre escritor, as notícias sobre a nossa morte são manifestamente exageradas.

Voltaremos ao papel ainda mais fortes!

139 euros é o preço médio de alojamento nos Açores em época alta

Motor de pesquisa Holidu fez estudo e conclui que a disponibilidade de alojamentos nos Açores durante a época de Verão está nos 24%



A Holidu, o motor de pesquisa para casas de férias, realizou um estudo que analisa os preços e a ocupação dos alojamentos de férias em várias regiões do país, concluindo que, nos Açores, o preço médio de um alojamento em época alta é de 139 euros, o quarto preço mais alto do país.

Se o leitor pretende alugar um alojamento nos Açores, o estudo diz que só restam 24% de disponibilidade na época alta.

Sagres é a zona do Algarve com maior disponibilidade para os meses de maior procura com 34%.

Em segundo e terceiro lugar, encontram-se as regiões de Olhão e Faro com 30% e 27% de disponibilidade, respetivamente.

Açores com 24% de disponibilidade de alojamentos

Com apenas 4% de disponibilidade, sendo muito difícil arranjar uma casa de férias nos meses de verão, consta a praia da Luz.

Almancil é a região mais cara do Algarve para passar uma noite, 552 euros é o que pode esperar durante os meses de maior procura.

Segue-se Sagres onde pode pagar 271 euros por noite e em terceiro lugar Loulé onde uma noite custa 270 euros.

A região com maior variação de preços na época alta em comparação com a época baixa é Altura com 68%, passando de 103 euros para 174 euros, segue-se Sagres com 66% e Albufeira com 58%.

Por outro lado, existem regiões onde a variação de preço é muito reduzida como Aljezur, Odeceixe e Olhão.

Estas regiões registam variações entre os

10% e os 20%.

No que diz respeito à disponibilidade de alojamento ainda disponível na época alta, o Algarve tem a percentagem mais baixa, apenas de 15%. Segue-se a Madeira, com 21% de disponibilidade e os Açores com 24%.

A região com maior disponibilidade é o Norte de Portugal com 43% de disponibilidade.

Preços mais altos são no Algarve

Quanto aos preços médios na época alta, o Algarve tem o preço médio mais alto, ou seja, 206 euros, seguido, apenas, pela área metropolitana de Lisboa com 165 euros e o Alentejo com 142 euros.

Seguem-se as regiões dos Açores, com 139 euros, tal como o Norte e Madeira com 118 euros.

A região com maior variação de preços na época alta em comparação com a época baixa é o Algarve com 43%, seguido dos Açores com 26% e a área metropolitana de Lisboa com 17%.

Apenas, a Madeira, não regista uma variação de preços muito acentuada, apenas com 4% de variação.

A Holidu dedica-se a facilitar a procura e a reserva de casas de férias.

Este motor de pesquisa de casas de férias permite aos viajantes reservar o alojamento ao preço mais baixo, segundo garante a empresa, que também ajuda os proprietários de casas de férias a aumentar as suas reservas com menos trabalho através do seu software e solução de serviço sob a marca Bookiply.